

# Filopoética do educar: Reflexões a partir das filosofias africano-brasileiras

*Philopoetics of Educating:  
Reflections from African-Brazilian  
philosophies*

**Luís Carlos Ferreira dos Santos\***  
Universidade Estadual de Feira de Santana  
Rede Africanidades (UFBA)  
Núcleo de Investigações Transdisciplinares  
NIT (UEFS)

\* Doutor pelo Programa de Pós-graduação Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA), Mestre em Educação (UFBA), Graduado em Filosofia (UFBA). E-mail: [lcfsantos@uefs.br](mailto:lcfsantos@uefs.br).

**Resumo:** O artigo Filopoética do educar: reflexões a partir das filosofias africano-brasileiras busca problematizar a ausência ou a tentativa de combate de outras imaginações na produção da filosofia da educação brasileira. A partir dessa afirmação, se lança a seguinte questão: como a filosofia pode contribuir para o debate acerca da superação do racismo? O imaginário social brasileiro expressa-se, em sua maioria, de maneira institucional, a partir das perspectivas indo-europeias e mais recentemente estadunidenses. A filopoética, neste trabalho, tem o sentido de se reconectar com o desejo do mundo, de entrelaçar em extensão, não em profundidade, de ser com o outro, de criar caminhos. O percurso da filopoética dá-se em relacionar as filosofias africanas com a poética da relação, no intuito de disputar o imaginário, de traçar itinerários, rotas na reconexão no cenário da filosofia educação.

**Palavras-chave:** Filopoética; Filosofias africanas; Édouard Glissant; Racismo, Filosofia da Educação.

**Abstract:** The article Philopoetics of educating: reflections from African-Brazilian philosophies seeks to problematize the absence or the attempt to combat other imaginations in the production of the philosophy of Brazilian education. From this statement, the following question arises: how can philosophy contribute to the debate about overcoming racism? The Brazilian social imaginary is expressed, for the most part, in an institutional way, from Indo-European and more recently American perspectives. Philopoetics, in this work, has the sense of reconnecting with the desire of the world, of intertwining in extension, not in depth, of being with the other, of creating paths. The path of philopoetics takes place in relating African philosophies with the poetics of relationship, in order to dispute the imaginary, to trace itineraries, routes in the reconnection in the scenario of philosophy education.

**Key-words:** Philopoetics; African philosophies; Édouard Glissant; Racism, Philosophy of Education.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. Filopoética do educar: reflexões a partir das filosofias africano-brasileiras. *Légua & Meia*, Brasil, v.12, n. 2, p. 30-46, 2022.

## 1 Introdução

O imaginário escravagista brasileiro potencializa o monolinguismo e a paisagem da transparência na filosofia da educação brasileira. Esse é um dos motivos para a perpetuação da lógica do racismo e da pouca diversidade de teorias e caminhos filosóficos no modo de interpretar e produzir realidades no cenário da educação no Brasil. Nesse aspecto, o fato de partir desde as perspectivas das filosofias africano-brasileiras têm como objetivo problematizar a ausência do diverso no contexto da educação. Para isso, o texto parte do debate desde as filosofias africano-brasileiras em relação com a filosofia e a poética da Relação de Édouard Glissant (2005, 2009, 2011).

O texto problematiza o imaginário racista, fundamentado pela poética do genocídio, elencando a filopoética (NORVAT, 2015) como categoria que entrelaça as filosofias africanas com a poética e a filosofia da relação.

A discussão em torno da filopoética e da educação, na chave do enfrentamento do racismo, encontra alguns obstáculos, como a pouca diversidade de teorias e caminhos filosóficos no modo de interpretar e produzir realidades na filosofia da educação. Os territórios europeus foram universalizados e construídos na perspectiva de um poder, seja ele justificado e legitimado pela fé ou pela razão, através de instituições produtoras de corpos e subjetividades. Segundo Santos (2014, p. 36):

A ausência ou a tentativa de negar as filosofias africanas no Brasil são a negação do estatuto ontológico dos seres humanos afrodescendentes neste território. Os contextos, cenários, as representações simbólicas, que expressam as significações na filosofia da educação brasileira, expressam-se, em sua maioria, a partir apenas dos paradigmas indo-europeus.

A categoria do racismo epistemológico aparece como um problema central a ser enfrentado na perspectiva do pensamento filosófico africano brasileiro. Não é o único, mas um dos que funcionam como articuladores das violências e legitimam as injustiças.

O racismo antecede a formação da sociedade brasileira, por isso, para enfrentar a violência do racismo, é necessário está comprometido na disputa do “que há de mais humano no homem: a liberdade” (FANON: 2008, p. 184).

Na disputa de conhecimentos, se faz imprescindível navegar à deriva, no contratempo da memória e do imaginário escravagista. No terror do tempo do racismo, a resposta é o tremor do contratempo de uma filosofia que combata o racismo. E é nesse

sentido que as filosofias africanas têm como univocidade entre as suas várias perspectivas o “paradigma liberdade” (NGOENHA, 2004).

As filosofias africanas trazem a discussão da descolonização do conhecimento e da liberdade como horizonte de univocidade entre elas. Elas têm em comum com o pensamento negro a disputa pela ampliação do humanismo, isto é, a disputa por um “novo humanismo” (FANON, 2005). Sendo assim, a relação da filosofia com a educação é fundamental para a territorialização de um outro humanismo forjado pela política-estética negra.

A defesa de uma filosofia africana em território brasileiro advém do fato de que a epistemologia do racismo e o semiocídio cultural atuam na ordem de representação, que buscam não negar o a presença do negro, mas combatê-lo. Além de um combate no campo ontológico, busca deslegitimar o sentido da exigência de justiça aos sujeitos deste campo territorial e existencial.

A busca por uma filosofia africano-brasileira parte de uma relação interdisciplinar, no diálogo com a literatura, história, psicologia, entre outras áreas e tem o campo da educação como um território de ação.

## **2 Filosofias africano-brasileiras como paradigma liberdade**

O debate acerca da filosofia africana no contexto brasileiro potencializa o diverso nas paisagens filosóficas. Os símbolos míticos-poéticos como Sísifo, Leviatã, Édipo, Ariadne, Dionísio, Apolo, por exemplo, criam sentidos na epistemologia, na ética, política e na estética do pensamento no Brasil e, portanto, na educação brasileira. No entanto, outros símbolos míticos-poéticos advindos das paisagens africana brasileira não são consideradas “tradicionais” no fazer filosófico instituído. O paradoxo está no fato dessas outras construções filosóficas não serem visibilizadas, visto que são agenciadas por outras áreas do conhecimento, como a literatura, história, antropologia e a educação. Exemplo disso é a filosofia da libertação latino-americana, assim como a filosofia africana contemporânea que são pouco agenciadas na paisagem filosófica brasileiro. Essa negação e combate pode ser denominada de epistemicídio (RAMOSE, 2011; CARNEIRO, 2005) e semiocídio cultural (SODRÉ, 1988).

A tentativa de negar as filosofias africanas se traduz como um combate ao estatuto ontológico dos seres humanos africanos e afrodescendentes. Os contextos, os cenários,

as representações simbólicas que expressam as significações na filosofia da educação brasileira, em sua maioria, a partir do paradigma “ocidentocêntrico” (Oyèrónké Oyèwùmí, 1997). A perspectiva “ocidentocêntrica” evidencia que a base do problema da África é sua estreita identificação com a Europa, que é a fonte e a razão para a contínua dominação ocidental dos povos africanos e do pensamento africano (OYÈWÙMÍ, 1997).

A perspectiva de dominação ocidental, neste caso o racismo epistêmico, é uma das fontes a ser superada para contribuir na crítica ao racismo. O filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2001) afirma que a lógica de violência da colonização definiu o que é filosofia “cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados” (RAMOSE: 2011, p. 5 e 6). O pensamento moderno europeu, fundamentado desde a religião cristã (fé) e o conhecimento (razão), questionou “o estatuto ontológico de seres humanos africanos” (RAMOSE: 2011, p.7). A reivindicação pela filosofia tinha como finalidade buscar justiça social e racial para o continente.

Neste aspecto, a problematização dos filósofos africanos acerca das bases que sustentam as violências, como o epistemicídio e o semiocídio cultural, são estratégicos para a problematização do racismo. O epistemicídio, a morte das formas de conhecer e do saber dos povos fora do sistema-mundo europeu, teve sua fundamentação através do discurso religioso e da ciência. Tendo como objetivo a conquista do poder, através de um argumento pretensamente universal, fundamentado pelo giro da mesmidade e da totalização. O debate acerca do racismo epistemológico está ligado ao poder. Ao retirar a validade do pensamento africano destitui-se a verdade do modo de vida dos negros africanos e descendentes. Segundo Foucault “não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele” (FOUCAULT: 2010, p.23). As filosofias africanas problematizam o poder na disputa pelo sentido. E uns dos obstáculos são o epistemicídio e o “semiocídio cultural” (SODRÉ, 1988).

Muniz Sodré, no livro *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*, apresenta um conceito de cultura produzido desde a paisagem dos africanos no Brasil. De acordo com Sodré (1988), a cultura é um campo muito explicativo do “semiocídio cultural”. Esse é o lugar da produção do genocídio cultural, no qual a totalidade e a transparência produzem o sentido.

A violência do apagamento cultural foi cometida pela lógica da transparência europeia moderna. Para escapar do “semicídio”, Sodré (1988) dialoga com os conceitos de diferença e sentido, esse fundamenta a diferença, enquanto a representa o d  ênfase ao genocídio do universal. Para escapar do conceito de cultura de um sentido abstrato e idealista, a perspectiva de *arkh *   defendida. Mas Sodré (1988) faz uma ressalva, porque postular um *arkh *, um simbólico como vetores da apropria o do real (cultura), leva   questão de se saber se não está em jogo um conceito idealista que faz da cultura uma essência separada do real histórico. Para Sodré, a cultura não   nenhum sistema, nenhuma estrutura, mas o sedutor vazio que nos indetermina. O conceito de cultura como um sedutor que indetermina   apresentado desde a paisagem do *continuum* africano no Brasil.

A partir da chave de leitura do epistemicídio e do semic dio cultural   possível compreender a importância de dialogar desde outras vozes e paisagens na filosofia da educa o brasileira. A modernidade encobriu outros sujeitos e conhecimentos. O epistemicídio e o semic dio cultural são ferramentas políticas e epistemológicas que tecem seus sentidos a fim de tornar invisíveis outras práticas e saberes. A filosofia marcada pelo projeto epistemológico da linearidade, essência e homogeneidade   uma representa o dessa dinâmica de poder que tenta silenciar outros modos de vida. Todavia, a filosofia desde África, em resposta ao projeto racista, busca ter a liberdade como horizonte do filosofar.

A disputa por outras vozes e paisagens   uma presença marcante no imaginário africano e afro-diaspórico. A disputa por outros tempos, na contramão do tempo de morte, marca a imagina o política do pensamento negro e das filosofias africanas. A defesa de que as filosofias africanas apresentam como uma de suas univocidades o paradigma liberdade tem inscrito nessa perspectiva a presença de memória de luta por justiça e liberdade. A experiência africana traz para a humanidade o feito de ter conseguido a “dessacraliza o dos pressupostos civilizacionais da violência colonial [...]” (MUDIMBE: 2013a, p. 70).

A imagina o filosófica africana e afro-diaspórica são marcadas pela amplia o do entendimento do que   o humano. Os pensadores africanos, assim como os intelectuais da diáspora, como aqueles marcados pelo *Harlem Renaissance*

(*Renascimento do Harlem*), pan-africanismo<sup>1</sup>, o movimento da negritude<sup>2</sup>, o, têm a disputa pela liberdade como luta política e estética contra a lógica do racismo. Segundo a leitura do filósofo moçambicano Severino Elias Ngoenha (2004), os discursos filosóficos negro-africanos apresentam como ponto comum, com o pensamento negro, a busca por liberdade.

O “paradigma liberdade”, como chama Ngoenha (2004), é um tema importante na sua leitura crítica, pois dialoga tanto com o pensamento negro da diáspora quanto com a filosofia africana. A perspectiva da violência lança os negros da diáspora e os africanos na disputa por liberdade. Segundo Ngoenha (2004, p. 74):

O substrato filosófico do pensamento africano é, sem dúvida, a busca da liberdade, devido à situação categoria oprimido/escravo/colonizado/subdesenvolvido na qual os povos africanos se encontram a seguir ao encontro/choque com o ocidente. Estas buscas tomam formas diferentes segundo as épocas, os períodos históricos e os lugares geográficos.

A discussão em torno da filosofia africana compreendida por Ngoenha (2004) tem a luta pela independência e a busca pela liberdade como horizonte de ação. O filósofo moçambicano chama atenção para o fazer filosófico, esse deve estar conectado e preocupado em responder as questões do seu tempo e da sua paisagem.

A liberdade é uma constante na luta no pensamento negro e nas filosofias africanas. E tal reivindicação aparece nos projetos políticos e estéticos do *Harlem Renaissance*, do pan-africanismo e do movimento da negritude. Tais movimentos político-estéticos influenciaram a produção filosófica africana, como afirmam Severino Ngoenha, no livro *Das Independências às liberdades*, e Jean-Godefroy Bidima, no livro *La Philosophie Nègro-Africaine*. Tanto o pensamento negro quanto as filosofias africanas oferecem paisagens de crítica e superação ao racismo, possibilitando a reinvenção do projeto de humanidade. É essa imaginação que potencializa a renovação do imaginário.

---

<sup>1</sup> O movimento Harlem Renaissance defendia a afirmação da humanidade negra, nos Estados Unidos, por meio dos movimentos culturais. Sugiro como referência para o entendimento do Pan-africanismo e do Harlem Renaissance os livros *Discurso sobre o Colonialismo*, de Aimé Césaire; *Na Casa de Meu Pai*, de Kwame Anthony Appiah; *Invenção da África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*, de Valentin Yves Mudimbe; *Nilismo e negritude: as artes de viver na África*, de Célestin Monga, e *Édouard glissant rives créoles et dérives opaques*, de Jonas Rano.

<sup>2</sup> O movimento da negritude é a perpetuação do ideal do Pan-africanismo e do Harlem Renaissance em solo francês. Indico o texto de Kebenguele Munanga *Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro*. São Paulo: Revista Ilha, v. 18, n° 1, p. 107-120. Junho, 2016.

O projeto de libertação inventado pela dinâmica das filosofias africanas é defensor de espaços com liberdades, é algo material e imaterial, quando se pensa nas emancipações dos países, a luta por liberdade dos países africanos, nas quais muitos intelectuais, ativistas, filósofos participaram ativamente na construção dos espaços de libertações em África e na diáspora.

A ação da filosofia, a partir de suas paisagens, insere a liberdade como o destino do filosofar. Neste aspecto, o território africano é um espaço propício para a invenção de novas utopias, por isso a liberdade é o horizonte. Pois a utopia torna possível a emancipação daqueles que foram colocados no imaginário da servidão voluntária. É uma utopia do aqui e agora, não do povo que vem. De acordo com Françoise Vergès (2017), o projeto de “Utopias Emancipatórias” rasga o tecido político e cultural da transparência, no caminho do encontro de si mesmo com o outro. A utopia emancipatória é a concretização da liberdade. Neste sentido, pode-se afirmar que a filosofia africana relacionada com a poética negra (como a estética da negritude, pan-africanismo) tem a filopoética (NORVAT, 2015) como um dos espaços de tremores para criticar e superar o imaginário que sustenta o racismo.

## 2.1 Poética e filosofia da relação

A discussão em torno da poética e a filosofia da relação estão em diálogo com o romancista, filósofo e ensaísta martinicano Édouard Glissant. Os seus trabalhos provocam um delírio ao seu leitor, mesmo que ele esteja em um ponto fixo. O delírio provocado pelo pensador dos arquipélagos transforma o seu leitor em um nômade por imaginação. O seu leitor percorre caminhos diversos, a errância, fica fora de lugar, porque explode o mesmo, a transparência e cai na opacidade do “todo o mundo”<sup>3</sup>. O “Todo-o-mundo” é o inextricável do uno, é este emaranhado de partes que configura o uno. A totalidade-mundo é constituída dos arquipélagos, que, por sua vez, é formado por paisagens que são como categorias do sendo, conduz para além de si-mesmo e faz conhecer o que está em nós. A partir da experiência da imaginação do todo-o-mundo se descobre que há o espírito de múltiplos barcos. E barcos à deriva na travessia.

As obras de Glissant, de acordo com a leitura de Aliocha Wald Lasowski, no livro *Édouard Glissant, penseur des Archipels*, podem ser categorizadas como: poesia,

<sup>3</sup> O Todo-o-mundo é um conceito cunhado e desenvolvido pelo filósofo martinicano Édouard Glissant.

romance, ensaios (poéticos, políticos e filosóficos) e textos teatrais. Elas expõem uma escrita na tensão complexa da linguagem. E a poética tem muita ênfase em todos os seus “arquipélagos textuais”<sup>4</sup>. O estilo de Glissant tem, na força da palavra, a possibilidade criativa de abertura para a diversidade do imaginário. E para navegar na intenção diversa do imaginário, a filosofia de Glissant inscreve-se em uma densidade complexa da linguagem, pois ele caminha pelo estilo da escrita do ensaio, do drama e do romance. Portanto, ele busca, nesta relação de estilos, aventurar-se na força da palavra, engajar-se na abertura poética a fim de habitar e ser habitado pelo diverso a partir de sua experiência. Essa é uma estratégia estética de superar os fundamentos do racismo: a totalidade, a transparência e a mesmidade.

O conceito de Relação empreendida por Glissant é uma tentativa de resposta às violências nas Antilhas. A filosofia e a poética da Relação têm como inspiração o elogio ao movimento, ao nomadismo, na crítica a fixidez, cuja raiz única funda a lei. O nomadismo é classificado como circular, o qual “muda de direção à medida que partes do território ficam esgotadas, a sua função é garantir, através dessa circularidade, a sobrevivência do grupo” (GLISSANT: 2011, p. 22).

A manutenção da vida é a finalidade da filosofia da relação: um pensamento que se transmuta pela afirmação da vida. Glissant, na *Philosophie de la Relation*, afirma que “nada é verdade, tudo está vivo” (GLISSANT: 2009, p.106), a vida não pode ser subordinada à teoria, mas ao contrário. A fundamentação da lógica dos projetos de mortes sobre a vida se deu com a força da verdade com os fins econômicos: o colonialismo, a escravidão. Isto é, a injustiça teve a sua construção fundamentada pelo pensamento continente<sup>5</sup>, o qual têm as verdades absolutas presas à totalidade da mesmidade. E a verdade, na tradição filosófica ocidental moderna, era sinônima de justiça, liberdade, vida.

Glissant, diante dessa dinâmica de afirmação da vida, mobiliza-se por meio de suas paisagens, elas movimentam as suas ações. E estas são móveis, pois se caracterizam por articular discursos paralelos, é a filosofia em arquipélagos, não em continente. A

---

<sup>4</sup> A expressão foi retirada do livro *Le Chant du Divers Introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant*, de Manuel Norvat. O autor retira a expressão “Arquipélago Textual” de Jean-Louis Joubert, no livro *Édouard Glissant*.

<sup>5</sup> Continente é uma expressão utilizada por Édouard Glissant para se referir a pensamentos totalitários, a qual ele difere do pensamento dos arquipélagos.

filosofia continente articula-se em blocos, os quais constroem sistemas que se impõem aos outros povos. E esses sistemas justificaram as injustiças, o racismo.

No contexto da obra de Glissant (2005, 2009, 2011), a filosofia da relação é construída na busca dos vestígios e resíduos das suas paisagens em relação com o todo-mundo. Os arquipélagos seriam essa potência que relaciona o todo às partes. E o que potencializa essa interconexão é a poética.

A verdade moderna ocidental tem como destino a transparência, enquanto a vida como defendida pela experiência da filosofia e a poética da relação tem a opacidade como caminho. A transparência codifica o outro à luz de sua linguagem e de seu espelho. A alteridade não é desejada na perspectiva da transparência. Todavia, na opacidade o diálogo é instaurado. Segundo Glissant (2011, p. 66), “se era trágico entrar na opacidade desse mistério, ao mesmo tempo que ocultava a sua violência, isso sucedia sempre em função de uma transparência final, apoiada no debate trágico”. A opacidade atua contra essa transparência redutora, protegendo o diverso. A opacidade é contra moderna, ela busca instaurar a relação em liberdades.

A transparência potencializa a violência racista por meio da leitura universalizante do Um no paradigma da modernidade europeia. A perspectiva de uma cultura, à luz do semiocídio cultural, hierarquiza todas as outras culturas, não existe relação, mas aniquilação dela com a colonialidade.

Portanto, a saída glissantiana se dá pela estética, essa seria “a nova região do mundo”<sup>6</sup>. A filosofia, para Glissant, é uma poética, “a linguagem da filosofia é a primeira do poema” (GLISSANT: 2009, p.87). Glissant não pergunta “Que é Isto – A Filosofia?”<sup>7</sup>, mas “O que é isto, uma filosofia?”. A questão colocada nos lança para um problema de dimensão ontológica. Enquanto na pergunta “Que é Isto - A filosofia?”, o Deus compreende a ontologia, na pergunta “O que é isto, uma filosofia?”, o diverso é o fundador do ser.

O enfrentamento ao racismo, neste aspecto, se dá desde uma resposta ontológica e estética. As perspectivas conceituais apresentadas por Édouard Glissant são uma chave interpretativa de muita importância para problematizar a sedução e a fundamentação do

---

<sup>6</sup> Alusão ao livro de Édouard Glissant *Une nouvelle région du monde. Esthétique I*. Paris: Éditions Gallimard, 2006.

<sup>7</sup> Neste momento Édouard Glissant está em diálogo com o filósofo alemão Martin Heidegger.

racismo. A violência racista teve a sua construção fundamentada pelo anti-pensamento, o qual tem as verdades absolutas presas à totalidade da mesmidade.

## 2.2 Filopoética do educar

A filopoética do educar potencializa uma perspectiva de combate ao racismo no campo da filosofia da educação. Uma compreensão importante no combate ao racismo é o pluralismo epistemológico, a diversidade cultural e a multiplicidade de paisagens. Portanto, a defesa de uma filosofia da educação que tenha como horizonte a manutenção e ampliação da liberdade.

A discussão em torno da filopoética está em diálogo com o livro de Manuel Norvat, *Le chant du divers*. Introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant. A filopoética atua como modo de criação de outros imaginários a partir da imaginação. A filopoética levanta como questão a ideia de que o conceito não produz sentido se não for engendrado pela imaginação. E, nesse aspecto, o pensamento sem a poética, sem a palpitação do mundo, pode ser reduzido ao anti-pensamento. Segundo Santos (2019, p. 94):

A filopoética corresponde à imersão radical na defesa de um discurso pós-colonial, o qual busca uma perspectiva filosófica de criação de conceitos que estabelece um “arquipélago textual”. A insubmissão em Glissant dá-se por meios de sua forma. O gênero no qual se pretende classificá-lo é impossível. Ele é um rebelde dos gêneros e, nesse sentido, encontra-se a sua filosofia pós-colonial.

O motivo de reivindicar a filopoética advém da perspectiva de relacionar outras áreas do conhecimento, tais como: a história, literatura, antropologia, cinema e educação, ou seja, os arquipélagos textuais, pois estes contribuem para o fortalecimento de um pensamento de afirmação do diverso. Pode-se afirmar que pensar na tensão da filopoética é ser imerso no imprevisível e no diverso utópico dos povos que disputam o sentido aqui e agora. A filopoética é a utopia. Ela traz o entendimento de um conhecimento forjado pelas suas paisagens, pelo tremor e trepidação do mundo. Segundo Michel Norvat, “La philopoétique d'Édouard Glissant est la manifestation de son perspectivisme”<sup>8</sup> (NORVAT: 2015, p. 13). A noção do perspectivismo em Glissant

---

<sup>8</sup> “A filopoética de Édouard Glissant é a manifestação de seu perspectivismo.” Tradução do autor.

é derivada de Leibniz e Nietzsche, uma verdade multifocal. O filósofo alemão Nietzsche na defesa da diversidade de perspectivas anuncia:

De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um ‘puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo’, guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como ‘razão pura, ‘espiritualidade absoluta’, ‘conhecimento em si’; tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido. Existe apenas uma visão perspectiva, apenas um ‘conhecer’ perspectivo; e quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, quanto mais olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais completo será nosso ‘conceito’ dela, nossa ‘objetividade’. Mas eliminar a vontade inteiramente, suspender os afetos todos sem exceção, supondo que o conseguíssemos: como?- não seria castrar o intelecto?...” (NIETZSCHE: 2009, p.100-101).

Na sinalização de Nietzsche, as perspectivas ampliam a qualificação do olhar sobre o objeto, é a potencialização do relativismo. Seguindo a leitura de Norvat (2015, p. 13), perspectivismo é “un relativisme qui met en perspective toute pensée, tout système de pensée par rapport aux autres doctrines concurrentes”<sup>9</sup>. O que se infere com a manifestação da filopoética, enquanto perspectivismo, é a multiplicidade do real. A busca pela totalidade da realidade é um sonho enganador. A multiplicidade de mundos é a característica presente na filopoética pela recusa da totalidade arbitrária e única.

Na noção filopoética, não se estabelece uma tensão entre a filosofia e a poesia. |Ela navega entre a transparência e a opacidade, é um mergulho no mar em deriva opaca e acessa o que é vivo por meio do barulhamento, do tremor e da trepidação do mundo. A filosofia, em Glissant (2009), abre em poesia, é o lugar de inovação e da inventividade.

A filopoética tem como características ser não totalitária e pertencente a lugares. Segundo Glissant:

[...] Porque a palavra poética revela no incansável brilho intenso das recordações das terras que se desintegraram, elas também são como as sombras das florestas, que são ao mesmo tempo caverna e luz, fora-dentro. O poema assim invade como claridade o obscuro, repetindo o gesto dos tempos primeiros. Ele é (ele canta) as particularidades, e anuncia também a totalidade. Mas esta é a totalidade da *différences*, que jamais é um imperativo. Pela mesma razão (esta maneira da

---

<sup>9</sup> “Um relativismo que coloca em perspectiva todo pensamento, todo sistema de pensamento em relação a outras doutrinas concorrentes.” Tradução do autor.

dialética não exprimível e não localizável), nestes inextricáveis atuais e nos vãos ilegíveis dos locais das técnicas inexprimíveis, de leitura, escrita ou a simples evocação do poema, este traço do primeiro poema ao mundo, são insuportáveis como àqueles que não querem mais ver nem entender esta chamada as impunidades reais. Esta escuta parece uma intolerável desnecessidade desviada para denunciar as exigências precipitadas das técnicas e das monolínguas, que apenas não se distraem e que a ansiedade não pode ser apagada. (GLISSANT: 2009, p.83-84. Tradução do autor).<sup>10</sup>

A filopoética movimenta-se pela deriva do claro-escuro, da montanha-planície, da transparência-opacidade, do continente-arquipélago, o fora-dentro. O objetivo não é combater os paradoxos, mas habitá-los.

A filopoética é uma ferramenta potencializadora para a filosofia da educação. Filosofar pela cultura é marcar um contexto, um território. E, a partir do pertencimento próprio, embelezar a ação. Teria como função educar a sensibilidade para um engajamento contra a busca do aniquilamento da vida. O enfrentamento do racismo a partir da filopoética dá-se pelo fato de ser a poética uma linguagem que compreende a “totalidade da *différences*”, como afirma Glissant (2009, p. 83).

A filopoética do educar tem como característica as possibilidades abertas, o multilinguismo, e busca não ser seduzido pelo pensamento arbitrário e fixo. O desafio em ter uma filosofia da educação que não reduza o outro ao modelo de sua própria transparência. Portanto, o espaço da educação é um lugar privilegiado para “não só consentir no direito à diferença, mas ainda no direito à opacidade” (GLISSANT: 2011, p.180).

A opacidade atua na poética e filosofia da relação como aquela que garante a possibilidade da permanência das fronteiras abertas, para a multiplicidade de sentidos. Ela tem como característica o não encerramento de si-mesmo, mas o estabelecimento de relações. “O direito à opacidade não estabelecerá o autismo, fundaria realmente a Relação, em liberdades” (GLISSANT: 2011, p.180).

Provocar uma educação em que a liberdade seja o seu fim é o caminho de uma resposta para a superação do racismo. Numa paisagem marcada pelo escravagismo, a

---

<sup>10</sup> Parce que la parole poétique éclate dans l’inlassable éblouissement du ressouvenir des terres qui s’effondrent, elle s’alégit aussi aux ombrages des forêts, qui font en même temps caverne et lumière, dehors dedans. Le poème ainsi envahit la clarté dans l’obscur, recommençant le geste des temps premiers. Il est (il chante) le détail, et il annonce aussi la totalité. Mais c’est la totalité des différences, qui jamais n’est impérieuse. Pour le même raison (cette manière de dialectique non dicible et non repérable), dans ces inextricables actuels et dans les traverses illisibles de leurs inexprimables techniques, la lecture ou l’écoute ou la simple évocation du poème, cette trace du premier poème au monde, sont insupportables à ceux qui ne veulent plus voir ni entendre que ce qu’ils nomment impunément le réel. Cette écoute leur paraît une intolérable inutile.

reconstrução da memória é uma estratégia necessária no reconhecimento das paisagens do lugar e do chão em que se pisa. Nesse sentido, a filopoética do educar tem o intuito de problematizar as violências e legitimidades das injustiças provocadas pelo racismo em solo brasileiro. Pois como afirma Paul Gilroy (2007, p.64): “Os espaços em que as raças ganham vida constituem um campo de onde a interação política tem sido banida”. A insistência do racismo tem como finalidade a morte do espaço público de discussão, a hierarquização das vidas e a morte do pensamento.

As possibilidades lançadas pela perspectiva da filopoética para dialogar com a complexidade do pensamento e para não reduzi-lo à perspectiva da dualidade, da ambiguidade, é habitá-lo na dimensão do diverso.

## Conclusão

A construção de outras memórias para a produção narrativa do discurso em filosofia, em um país dominado pelo imaginário do racismo, é uma recusa em morrer. Portanto, filosofar é a recusa em ser morto. É a possibilidade de recuperar a memória com a finalidade de disputar uma narrativa acerca da filosofia desde os arquipélagos da afro-diáspora.

A paisagem movimentada pela filopoética do educar oferece como princípio a defesa da vida. A filopoética em relação com as filosofias africano-brasileiras promove uma poética da opacidade, ou seja, ela possibilita a camuflagem da realidade para continuar existindo e forjando imaginações, forças criativas.

O imaginário racista presente na educação atualiza a morte da criação, o apagamento dos agenciamentos de possibilidades, produz a morte do diverso, tem como fim o desencantamento da vida dos povos ameríndios e da população negra. A vida desencantada, sem memória, é habitada pela poética do genocídio.

Para pensarmos em outros caminhos se faz imprescindível não abrir mão da disputa pela memória, pela produção da imaginação para produzir imaginários e disputar a consciência histórica no intuito de defender a pluralidade de teorias e pensamentos forjados pela filosofia da educação. Uma educação para ser concretizada precisa que a diversidade étnica, a diversidade cultural esteja inscrita em sua epistemologia. Uma educação somente será concretizada com a efetivação da diversidade. Pois é na diferença, no diverso, que a existência é exaltada. E o diverso não

pode ser compreendido apenas como a aceitação formal e intelectual do diferente. É a presença sensível do outro dentro do seu espaço, através da opacidade, não pela transparência: é uma abertura física e simbólica, tendo o racismo como alvo a ser enfrentado.

O que a filopoética provoca é um filosofar como modo de habitar o mundo. Um tempo e espaço em que terror (racismo) é respondido pela poética do tremor. A filopoética responde ao racismo reconstruindo a memória, conectado com o barulhamento e trepidação do lugar, regenerando o imaginário, povoando a imaginação. Para além de criar conceitos, fecunda a imaginação.

A filopoética do educar defende o direito das irredutibilidades coexistindo mutuamente, ela nos lança para a força da utopia, e esta atua como articuladora da ação. A utopia é compreendida neste texto não como promessa de futuro, mas como a seta apontada para o presente. É o caminho urgente para penetrar no mundo.

## REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai: a África na Filosofia da Cultura*. 1ª ed. Trad. Vera Ribeiro; revisão de tradução: Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.
- BIDIMA, Jean-Godefroy. *La Philosophie Nègro-Africaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa: Letras Contemporâneas Oficina Editorial LTDA, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscara Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascismo da raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Philosophie de la Relation: poésie en étendue*. Paris: Éditions

Gallimard, 2009.

\_\_\_\_\_. *Une nouvelle région du monde. Esthétique I*. Paris: Éditions Gallimard, 2006.

\_\_\_\_\_. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

LASOWSKI, Aliocha Wadl. *Édouard Glissant, penseur des archipels*. POCKET, Un département d'Univers poche, 2015.

MONGA, Célestin. *Fragmentos de um crepúsculo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Realejo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Nilismo e negritude: as artes de viver na África*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MUNANGA, Kebenguele. Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro. São Paulo: Revista Ilha, v. 18, n° 1, p. 107-120. Junho, 2016.

RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Rio de Janeiro: Estudos Filosóficos- Revista de Filosofia, 2011.

MUDIMBE, V. Y. *A Ideia de África*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013a.

\_\_\_\_\_. *A Invenção da África. Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013b.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NGOENHA, S. E. *Os Tempos da Filosofia*. Filosofia e Democracia Moçambicana. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

NORVAT, M. Le Chant du Divers. Introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant. Paris: L'Harmattan, 2015.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento e revisão de Aline Matos da Rocha. Título original: *The invention of women: Making an African Sense of Western Gender Discourses* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

RANO, Jonas. *Édouard glissant rives créoles et dérives opaques*. Paris: Alfabarre, 2015.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação* / Luís Carlos Ferreira dos Santos. - 2019. 236 f. : il. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em

Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

\_\_\_\_\_. (2014) *Justiça como Ancestralidade: em torno de uma filosofia da educação no Brasil*. 2014. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.

VERGÈS, Françoise. Utopies Émancipatrices. In: Achille Mbembe et Felwine Sarr. *Écrire l'Afrique-Monde. Les Ateliers de la pensée*. Paris: Philippe Rey. Dakar: Jimsaan, 2017.